

18° Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Biografia e Sociedade

O papel social atribuído aos filhos de mulheres vítimas de violência doméstica

Kamila Almeida

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

O papel social atribuído aos filhos de mulheres vítimas de violência doméstica

Autora: Kamila Almeida, mestre em Ciências Sociais (Pucrs, Porto Alegre, Brasil), doutoranda do PPG em Ciências Sociais da Pucrs, Porto Alegre, Brasil.

Resumo: Este artigo apresenta o tema da violência doméstica sob a perspectiva do papel social dos filhos nessas relações conturbadas. Para tanto, o universo de pesquisa é compreendido por mães. Tendo narrativas biográficas como abordagem metodológica o que se pretende buscar é a gênese da ação dessas mulheres com relação aos filhos diante do histórico de agressões. O artigo é fruto do trabalho de doutorado que ainda está em andamento, porém já é possível chegar a algumas conclusões preliminares, como o fato de o filho ser tratado como moeda de troca nas relações e também como pretexto para a mulher não romper com o agressor.

Palavras-chave: violência doméstica contra a mulher. Narrativas biográficas. Filhos. Família

Introdução

A violência doméstica remete a uma relação de poder onde há intimidação e subordinação do outro, usualmente silenciada e que assume um caráter de abuso, seja ele físico ou psicológico (Sousa, 2013, p. 29). As agressões ocorridas no âmbito doméstico não afetam apenas o casal. A bibliografia sobre o assunto aponta que, muitas vezes, a violência contra mulher tem implicações sobre os filhos. E é justamente o fruto dessas relações que compõem o foco do presente estudo.

Milani (2006) indica uma lacuna na literatura brasileira ao abordar apenas os efeitos da violência direta contra a criança e não as consequências para os filhos da violência de pais ou padrastos contra a mãe. E foi preocupada com estas consequências que esta pesquisadora iniciou seus estudos de pós-graduação em Ciências Sociais.

Dediquei o período do mestrado para estudar os órfãos da violência doméstica contra a mulher, ou melhor, os efeitos da morte da mãe sobre o filho (LUDWIG, 2015). Foi a narrativa biográfica, como abordagem metodológica, que me ajudou a compreender diversas questões que rondam o tema, e foi por meio desta metodologia que dei minha contribuição às Ciências Sociais. Nos meandros desta abordagem metodológica, tão profunda e complexa, enxerguei o tema que hoje conduz minha pesquisa de doutorado, onde busco entender qual o papel social atribuído pelas mães vítimas de violência doméstica aos filhos.

Gabriele Rosenthal, autora que aprimorou a metodologia e a qual faz parte do referencial teórico deste artigo e da presente pesquisa, indica que a reconstrução sociológica do trabalho biográfico, “esclarece não apenas a particularidade do caso, mas evidencia, antes, o social mesmo, em seu surgimento e em suas implicações para a ação” (ROSENTHAL, 2014, p.224). Rosenthal argumenta que esta metodologia torna bem mais difícil que questões essenciais da constituição mútua entre indivíduo e sociedade passem despercebidos pelo olhar do pesquisador. Foi exatamente isto que aconteceu durante meus estudos.

Como estava interessada em desenvolver o método etnográfico e torná-lo um aliado na minha pesquisa biográfica comecei a frequentar, como observadora, um Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica na região metropolitana de Porto Alegre¹, durante os anos de 2015 e 2016. O local possui um espaço reservado às crianças e foi ali, acompanhando esta interação dos filhos com aquele meio e também conversando com as mães deles, que optei por enveredar meu tema para o papel social atribuído pelas próprias mães a estes filhos. Isto quer dizer que, ao chegar ao campo completamente aberta, além de estar receptiva a todas as informações oriundas das entrevistas, permitiu criar um rumo mais significativo para a minha investigação.

A imersão no campo possibilitou a percepção de que os filhos são usuais “moedas de troca” na relação, tornando-se objetos de ameaças entre o casal. Desta forma, o universo de pesquisa passou a ser estas mães.

¹ O nome do Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica, assim como o município onde está situado e todos os nomes mencionados aqui foram preservados, substituídos ou omitidos. Isto se faz necessário para que as histórias e identidades sejam preservadas.

Coleta de dados

Para a coleta de dados foram escolhidas duas abordagens: a observação-participante e a entrevista biográfica, onde a busca é por explorar os aspectos da vida do entrevistado, os conscientes e os latentes. Trata-se da reconstrução biográfica do caso, confrontando os interesses de apresentação - que compõem a vida narrada -, com a interpretação dada pelo próprio biografado à trajetória dele, ou seja, o que foi vivenciado por ele.

Maria Pereira (1991) lembra que a coleta de histórias de vida não pretende a universalidade absoluta e indiscutível (p.119). Rosenthal lembra que os estudos qualitativos são incapazes de demonstrar a frequência com que determinados fenômenos descobertos ocorrem na sociedade e argumenta que a relevância destes fenômenos não está ligada à assiduidade com que ocorrem, já que mesmo os menos frequentes podem exercer grande influência na sociedade (2014b, p. 21).

O argumento que sustenta que uma biografia consegue dar conta do social vem de Rosenthal (2014b) e é de que "biografia individual e história social - realidade subjetiva e realidade coletiva - se implicam mutuamente; a biografia, em seu processo concreto de desenvolvimento, mas também quando reexaminada pelo entrevistado a partir do momento presente, é sempre dual" (p.191).

As especificidades do método começam na entrevista, que é feita no formato aberto, onde deixa-se a pessoa escolher o que contar sobre a própria vida. É o próprio entrevistado que elenca os temas que foram mais marcantes e é com o resultado disto que o pesquisador irá trabalhar, tudo fundamentado na *teoria da relevância* de Alfred Schutz e o interesse fica voltado para o mundo da vida².

² Para Schutz, o conhecimento do indivíduo que age e pensa no mundo da vida cotidiana é incoerente, parcialmente claro e não totalmente livre de contradições. Cada indivíduo constrói seu mundo particular. A fabricação deste universo único é feita com auxílio dos materiais e métodos oferecidos por terceiros. O mundo da vida, portanto, já vem pré-estruturado para o indivíduo. É ao redor dele que cada novo sujeito chega para contribuir nesta construção, mas, principalmente, para preencher sua própria biografia (SCHUTZ, 2003; 2012). A interpretação do mundo da vida é baseada no estoque de experiências com que se teve contato durante a socialização (DREHER, 2011).

Somente entendendo a ação individual é que as Ciências Sociais podem ter acesso ao significado de cada relação social, sua estrutura. O significado de um fenômeno social em particular deve ser interpretado camada por camada como o significado pretendido pela subjetividade da ação humana (SCHUTZ, 1972, p.6-7).

Para Schutz e Luckmann (1973) o conceito de estoque de conhecimento à mão seria o acúmulo de conhecimento ao longo da vida que quase nunca pertence à seara racional. Trata-se do resultado da sedimentação da experiência subjetiva do mundo da vida do biografado.

O fator mais importante na estruturação do estoque de conhecimento é a diferença entre as experiências que entram como inquestionáveis, como unidades já constituídas da atitude natural, e as experiências que exigem explicação em situações problemáticas antes de serem sedimentados como elementos de conhecimento (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973, p. 3).

É justamente diferenciar o passado vivenciado daquele que é narrado o objetivo do método de narrativa biográfica. Para auxiliar neste processo, faz-se uso da *Gestalt*, teoria usada em diversas disciplinas para designar a configuração do "todo". Este "todo" é muito mais do que a soma das partes, mas a interligação destas partes para que o discurso faça algum sentido. Partindo do

princípio da *teoria da Gestalt*, de que o estoque de nossas vivências funciona como uma engrenagem interligada, a mudança não ocorrerá só em um detalhe da memória, mas no "todo". No momento da fala do entrevistado todas estas alterações realizadas no dia a dia emergem e dão um novo significado a este passado no qual estamos interessados. Ele não ficou estático, imóvel, no momento em que aconteceu, segundo Schutz (1979).

E se o interesse está voltado para o sistema de relevância do entrevistado, então, a proposta é uma pesquisa orientada por um procedimento aberto de entrevista, dando a ele o maior espaço possível para construir a situação (2014, p.8). Enquanto as respostas são dadas, o entrevistador anota tudo o que está sendo dito pelo entrevistado. Respeitando a sequência em que os temas vão aparecendo na narrativa começa a segunda fase da entrevista, que é quando o pesquisador utiliza, inclusive, as mesmas palavras usadas pelo entrevistado para instigar que ele explore tais temas em maior detalhe.

Segundo Rosenthal (2014), para o pesquisador, uma das primeiras premissas é suspender qualquer ideia preconcebida sobre o assunto. Todo este cuidado se justifica, pois a entrevista narrativa depende exclusivamente do entrevistado. As intervenções são mínimas, apenas no sentido de estimular o entrevistado a seguir com a narrativa, em busca dos aspectos conscientes e inconscientes que norteiam as ações daquela pessoa. A narração é estimulada apenas por meio de expressões não-verbais e paralinguísticas de interesse e atenção, como "mhm".

Observação-participante e entrevista biográfica em centro de violência doméstica

O contato com o centro de violência doméstica, onde foi realizada a observação participante desta pesquisa, se deu com o objetivo de estar mais próxima do meu universo de pesquisa. O local foi escolhido pela pesquisadora, por já saber de antemão que o prédio onde as mulheres eram atendidas possuía uma sala preparada para receber crianças que acompanhavam suas mães durante o atendimento. Ou seja, seria muito relevante observar, não só as mães e conhecer suas histórias, mas também observar as crianças e a forma como se

relacionavam com o ambiente, sua própria história e o assunto que as levava até ali. Os parágrafos que seguem são notas do meu diário de campo.

O primeiro contato com a instituição foi realizado por telefone. Expliquei de forma resumida a minha pesquisa e perguntei se poderíamos marcar uma conversa pessoalmente. A resposta foi positiva. No dia seguinte fui até lá. Era uma sexta-feira gelada, porém ensolarada, do mês de junho de 2015. Estacionei o carro em frente ao endereço fornecido ao telefone. Do lado de fora, não havia nenhum sinal do espaço. Perguntei a um grupo de taxistas que tomava café no ponto e eles nunca tinham ouvido falar do Centro, mas recomendaram que eu me certificasse na recepção da prefeitura. A atendente orientou que eu caminhasse até os fundos do terreno. Lá estava o centro, ao lado do almoxarifado. Uma porta de madeira antiga separava o pátio do interior de uma casa com o pé direito alto, com assoalho de madeira e salas amplas.

Às 9h, estava eu sentada diante da diretora, de uma psicóloga e de uma assistente social que realizavam os atendimentos a mulheres vítimas de violência doméstica. Para receber o apoio da instituição basta ser mulher e estar vivendo algum tipo de violência, seja ela física ou emocional. O público-alvo fica sabendo do serviço por meio de campanhas realizadas pela prefeitura, pela Patrulha Maria da Penha, na delegacia e por indicação de vizinhos dos bairros onde moram. Muitas já possuem boletins de ocorrência e medida protetiva de urgência, que limita uma distância mínima entre o agressor e a vítima sob pena de prisão em flagrante caso haja o descumprimento da mesma. Mas estas formalidades não são exigências. No ano passado, mais de 80% daquelas que buscavam ajuda por lá tinha filhos com menos de 18 anos, conforme estatística realizada pela própria instituição.

Falei das minhas pretensões. Disse que estava disposta a observar o que me fosse permitido. Até a sala de esperas ou a entrada do centro já poderiam ser ricos. Queria ver quem acompanhava as mulheres até lá. O ideal, no entanto, seria entrar na sala de atendimento e escutar os diálogos, as trocas, as angústias. Eu queria saber quais eram as categorias utilizadas quando os relatos envolviam seus filhos, quais relatos surgiam quando questionadas pela equipe técnica sobre a participação das crianças nos conflitos.

Logo que expus esta intenção, as funcionárias demonstraram estranhamento. Uma disparou a dizer: "Mas eu não sei. Preciso de uns dias para

me preparar. É muito complicado, pois não será só o comportamento da mulher atendida analisado, mas o meu também como profissional. É algo muito delicado”.

Já estava nervosa, entendia a reação, pois ficaram inseguras quanto os seus papéis profissionais e não estavam dispostas a serem analisadas, mas imaginava que estes argumentos poderiam ser transformados em desculpas para me desencorajar da observação. A impressão se desfez horas depois e, ao contrário do que eu imaginava, tive acesso a todos os atendimentos, sempre que as mulheres concordassem. Foram dois anos de acompanhamento esporádico. Neste tempo todo não houve uma sequer que recusasse a minha presença. Falar de si é quase uma necessidade visceral nestes ambientes, conforme fui percebendo com o tempo.

Até decidirem quanto a minha incorporação ao dia a dia do centro, contavam-me diversas histórias. Uma delas era sobre Helena. Aos 37 anos, ela é mãe de três filhos e mora na periferia. Separada há quase três anos do pai dos dois primeiros filhos, é referente ao ex-marido que Helena é atendida no centro. Além da separação, ainda corre na Justiça o processo referente à medida protetiva contra ele. Na época em que estavam casados, ela foi alvo de humilhações, agressões e ameaças. Hoje, ela vive com outro homem, pai de Camila, sua filha de dois anos. Logo após Helena sair de casa foram diversos os ataques do ex-marido para fazê-la voltar, sempre sob ameaças. Aquela que a deixou mais traumatizada foi quando ele fugiu com os dois filhos dentro do portamalas do carro. Foram para o interior do Rio Grande do Sul. O homem deixou um recado: nunca mais deixaria que ela visse as crianças. Helena descobriu onde estavam e conseguiu que um oficial de justiça a acompanhasse na busca dos filhos. Desesperada, chegou ao local bem antes do funcionário e passou horas em frente à casa. A noite caía e ela sentiu vontade de ir ao banheiro e pediu a ele que a deixasse entrar. Foi estuprada e agredida pelo ex-marido. As crianças estavam junto. Segundo ela, não viram nada.

O atendimento de Helena era o único agendado para aquela tarde. No horário marcado, Helena chegou. Vestida de blusão de gola alta em tom avermelhado, jaqueta de nylon acolchoada de cor bege e calça jeans, pede pela assistente social. A mulher está acompanhada da caçula, uma loirinha arqueira que adentra o ambiente puxando um carrinho quase maior do que ela. A menina

saracoteia para lá e para cá, inspeciona uma sala sem porta que fica logo na recepção isolada por paredes metade PVC e metade de vidro. Lá dentro, uma caixa com brinquedos, ao lado de uma mesa infantil com duas cadeiras. Sobre a mesa, livrinhos, folhas em branco e uma caixa com lápis de cor e giz de cera. A menina retorna para o banco, ao lado da mãe que sorri para a menina o tempo todo e não tenta acalmá-la da excitação que sente ao explorar o ambiente, apesar de frequentá-lo há quase um ano.

A mãe tem uma aparência cansada, a pele clara e os cabelos castanhos. Vaidosa, dia desses foi ao salão de beleza pediu um corte igual ao da Sandra Annenberg, apresentadora do Jornal Hoje. Saiu de lá com os cabelos raspados à máquina. Conta a história como um acontecimento tragicômico.

Quase junto com Ana, outra mulher entra no centro carregando uma pasta preta fininha. Dirige-se à recepcionista e pede para falar com a psicóloga, mas esta já havia ido embora. É atendida por outra funcionária. Estava com a consulta marcada para a segunda-feira seguinte, mas resolveu adiantar o assunto, pois estava com dúvidas.

Estou sentada nas cadeiras azuis da recepção. Elas também. Nenhuma me nota ou questiona minha presença, com exceção da criança que me observa curiosa. Imagino que possam ter pensado que eu também estava ali para receber orientações sobre um relacionamento violento. Evito olhá-las. Estou com uma mochila no colo e o celular na mão. Temo que a criança se aproxime com aquele poder que as crianças têm de nos desestabilizar.

Sou salva pela assistente social, que chama a ela e a mãe para o atendimento. Fico alguns minutos ali, aguardando até que a porta se abre e sou convidada para entrar. Não sei o que ela falou para Helena a meu respeito. Quando entro, vejo a mulher sentada quase na ponta de uma mesa retangular de reuniões, de frente para a assistente social. A menina ocupa uma cadeira entre as duas.

Cumprimentamo-nos e eu sento calada na cadeira diante de Helena, no lado oposto da mesa. Ela relata a sua situação à atendente. O esboço de um sorriso acompanha o seu semblante mesmo quando ela chora. E chora muito. O desespero é tanto que sinto vontade de chorar também. Me controlo, mas com certeza se ela me olhasse veria um olhar de piedade. Agradeço por não ter olhado, pois não sei se seria o melhor a fitar naquele momento. Tenho a

sensação de que ela esquece que eu estou ali. A assistente social parecia bem mais desconfortável com minha presença no início, mas a dramaticidade do momento deve tê-la feita esquecer, pois sua postura vai parecendo mais confortável pouco a pouco e menos “posada”, deixando de medir as palavras. Não anoto nada. Uso no bolso, apenas o gravador do celular, posicionado antes de entrar na sala, para que possa descrever mais adiante falas completas.

A sala é sóbria, com paredes brancas, a mesa, oito cadeiras e um ar condicionado desligado. Sobre a mesa, uma pasta, uma caixa com lenços de papel, o caderno da assistente social e uma caneta que a mesma usa para fazer anotações.

A única que me nota observa insistentemente é a criança. Joga coisas para o meu lado, corre em minha direção, sorri, como se estivesse me chamando para a brincadeira. Camila é carinhosamente apelidada pelas atendentes de Boo, personagem do filme Monstros S.A, que usa duas marias-chiquinhas, é brincalhona e anda correndo por todos os cantos.

O comportamento da menina chama a atenção. A mãe parece não lhe dar limites. Mexe no caderno de anotações da assistente social sem ser repreendida por ela, pula, arrasta a cadeira e sobe na mesa, tumultuando o ambiente. Entra e sai da sala sem a mãe lhe dirigir a palavra. Apenas um olhar de ternura. Vez ou outra, quando a situação fica tensa, fala: “ela está terrível”. Aquela agitação toda da menina fazia com que eu sentisse o ambiente muito mais tenso do que já se apresentava pelos relatos da mãe. A vontade era de sacudir Helena para que tomasse uma atitude e acordar de um aparente transe. Me culpo por este pensamento a cada nova frase dita por ela. Fico pensando o tanto de dificuldades que ela passa e o quanto luta para ter uma vida “equilibrada” na medida do possível, o quanto é vitoriosa por ter conseguido romper com o ciclo da violência.

Mas o fato é que Camila estava para se machucar a todo o instante, ensaiava colocar o dedo na tomada, subia na cadeira e se inclinava para trás, deixava o dedo rente ao encaixe da porta toda a vez que entrava e saía, parecia que ia dar com o queixo na quina da mesa a todo o instante. Inevitável pensar como deveria ser na casa delas.

Os irmãos maiores, Angela, seis anos, e João, 10, frequentam a escola. Camila ainda não. Sobre isto, a assistente social adverte: “Você ainda não

matriculou a menina na escola? Vai ser bom para ela e para você também. Ela precisa”. Mais cedo, pela manhã, a assistente social já havia me alertado quanto ao comportamento da menina e também sobre o fato de a mãe dedicar todo o tempo dela ao cuidado das crianças: “Ela é demais. Fizemos uma visita à casa dela uma vez e estava tudo impecável, brilhando, as crianças sempre arrumadinhas, mas é demais. Ela precisa ter um tempo só pra ela e deixar as crianças com espaço para respirar”, avaliou a assistente social que cuida do caso.

Naquele dia, o grande medo dela era que o pai pudesse fazer algo contra as crianças para se vingar. A audiência seria em uma quarta-feira, justamente no dia que o pai as buscava na casa da mãe, às 18h30min. Foi nessa troca de guarda que aconteceu tudo da última vez. Inevitável temer uma reprise.

Além disso, a proximidade da audiência fazia com que Helena revivesse os maus tratos que a deixaram traumatizada. Só o fato de estar perto dele, já deixava a mulher em pânico. Percebendo o pavor, a assistente social tomou uma atitude nada usual. Combinou de comparecer ao Fórum também para dar-lhe apoio e se dispôs a prestar depoimento caso fosse convocada. “Nem todo mundo concorda com essa minha atitude, mas eu sinto que ela precisa de ajuda. Ela não tem condições emocionais de ir sozinha à audiência. Estou com a minha consciência tranquila”, confidenciou a profissional para mim, ao final do atendimento.

Passados quase 10 minutos, a assistente social pergunta como ela tem dormido. Helena volta a chorar. Muito. E responde que anda muito nervosa. Neste instante, Camila, que estava tentando arrancar uma folha do caderno da assistente social, para e fica olhando para a mãe. Avista uma caixa de lenços em cima da mesa, se estica para alcançá-la, pega um papel e oferece: “Não chora, mamãe , não chora” repetia. “A mamãe tomou injeção de novo?”, brinca a assistente social. “Foi o dedinho. A mamãe fechou a porta”, retrucou a menina, desviando a atenção e arrancando risadas das três. Ela aponta para o próprio dedo que está roxo na ponta e com a unha toda quebrada. Ana conta que no final de semana, ela apertou o dedo na porta e que chorou muito.

A conversa segue e a menina não tira os olhos da mãe. Pega outro lenço de papel e alcança. “Toma o pano, mamãe”, diz. “A mamãe não precisa mais, já

passou”, responde Helena. “Então, chora mamãe”, insiste a menina. Helena acha graça da atitude da filha. Diz apenas: “Ai, guria”.

Neste momento me dei conta de algo que até então não havia pensado. O impacto da violência doméstica sobre a criança não é apenas quando a surra ou os xingões ocorrem. Há um efeito perverso que acompanha e ronda essas famílias. Camila, por exemplo, é fruto do segundo casamento de Helena. O pai dela jamais brigou com a mãe. Ao contrário dos irmãos, as cenas de violência não são presenciadas por ela. Pelo contrário, o segundo companheiro é bastante carinhoso e compreensivo, mas a menina segue sendo exposta aos efeitos desta violência. Vivencia as oscilações de humor da mãe, devido ao trauma, acompanha Helena a todos os serviços que a acolhem por não ter com quem ficar e, antes mesmo de completar dois anos de idade, já até sabe como consolá-la.

A assistente social pergunta como está Carlos, o atual companheiro, com relação à audiência. “Qualquer coisinha que ele faz é para me estressar. Por mais que ele tente me agradar, ele me irrita”, diz Helena enquanto desata num choro novamente. E segue, aos prantos: “ele vai fazer carinho, aquilo parece que vai me agredir, ou, tipo, relação, eu não consigo daí. Toda a vez que eu tenho que lembrar isso, fico assim. Com esse negócio eu fico na cabeça, tenho pesadelo. Qualquer ato de carinho eu acho que é alguma coisa, eu não aceito daí”.

Nesse momento, Camila retorna à sala e avista a mãe encharcada de lágrimas. Joga no chão a caixa com lápis e giz que buscou na recepção. A mãe enxuga as lágrimas com uma fraldinha de pano branco da menina, e fala: “Agora junta”. A menina repete: “Não chora, mamãe”. E Helena segue com o desabafo. Conta que o atual companheiro fica sem saber o que fazer, que dia desses ligou chorando para a mãe dele pedindo conselhos sobre como lidar com ela.

Helena conta que os outros dois filhos estão com notas baixas no colégio, que a menina é birrenta e não faz os exercícios quando não quer. Sobre a audiência, diz que não vai falar nada para os filhos. Eles adoram o pai e não iriam entender. Contou que a madrasta fala mal dela, diz que está tirando dinheiro do pai deles. Ela lembrou das traições do ex-marido e que mantinha relações também com um senhor mais velho, que dava dinheiro a ele. Helena viu fotos dos dois. “Eu tinha vergonha no início, não entendia porque ele era

casado comigo e mantinha relações com um homem. Depois descobri que ele também ficava com uma vizinha de esquina, na minha frente. Me marcava porque eu via. Achava que era feio para mim. Essa menina tinha 14 anos e ia na minha casa dizer que eu era gorda e feia e que por isso ele tava com ela”, fala aos prantos.

O atual companheiro de Helena, Carlos compreende o que ela passa porque viveu situação semelhante com a mãe que era agredida pelo pai dele. E reflete sobre a relação dela com o filho: “Eu não consigo com o João. O João é a cara dele (do pai). Aí, nesses dias eu brigo muito com ele porque parece que é ele que tá ali dentro de casa e qualquer coisinha eu olho pro João e me irrita porque ele é muito parecido com ele”.

A sessão acaba. Elas vão embora. Camila atira beijos para todos. Helena me dá tchau. Quando a porta se fecha, a atendente desabafa: “A menina é bem agitada. Nas outras vezes que entrava junto, a forma de eu atender ela era a Helena dar teta, aí ela entrava e saía da sala, mas voltava para a teta. É falta de limite”.

Helena fala muito as coisas na frente das crianças. O João sabe da violência, porque ele presenciava. Angela era muito pequena e pouco tem lembranças sobre a época. Mas isso faz mal para a menina tanto que está em atendimento no Caps, pois ela apresenta dificuldades na sala de aula e não quer mais frequentar a escola.

Preciso retornar a Porto Alegre. Me despeço da equipe com a promessa de retornar na semana seguinte. A assistente social marcou um novo atendimento para este dia, pela manhã para que eu possa presenciar. Sabia que ela não teria com quem deixar os três filhos e teria de trazê-los junto.

No caminho de volta, penso muito na história de João. Quero saber mais sobre eles, mas deixo para aprofundar na próxima ida ao centro de atendimento. De toda a forma, o fato de a mãe sentir repulsa pelo filho que se parece com o pai levanta pista para esta categoria, que posso utilizar no trabalho.

Falo sobre isso com a funcionária, antes de ir embora. Ela diz que realmente ele se parece muito com o pai e que essa relação de repulsa não é tão incomum assim nas famílias acompanhadas.

A passagem acima, extraída do Diário de Campo, representa a iniciação da pesquisadora na abordagem etnográfica. Mais de um ano se passou e

dezenas de mulheres foram observadas durante seus atendimentos, assim como algumas delas foram entrevistadas pela pesquisadora. O estoque de conhecimento empírico sobre o assunto durante os vinte e quatro meses auxiliaram na análise das entrevistas biográficas.

E é sobre elas que falaremos agora. Para ilustrar os dados levantados até aqui vamos detalhar o caso de Terezinha, umas das últimas a serem entrevistadas de acordo com o princípio da abertura. Nosso primeiro contato foi feito por telefone, no segundo semestre de 2016. Expliquei rapidamente do que se tratava o estudo e marcamos o encontro. Ela preferiu que falássemos no centro de violência. No dia e hora marcados, Terezinha lá estava. Conduzi a entrevistada a uma das duas salas de atendimento existentes no Centro. Sabia de todas as implicações que realizar a entrevista ali teria para a minha pesquisa, mas foi decisão da entrevistada ter o primeiro contato ali, um ambiente onde se sentia segura.

Sentamos as duas, frente a frente, liguei o gravador e comecei a explicar o que eu estava fazendo ali e o quanto o relato dela poderia me ajudar na pesquisa, sem dizer, é claro, o tema exato que eu estava buscando abordar. Apesar disto, ela sabia que eu estava pesquisando sobre violência doméstica.

Teresinha segurava um capacete, o que indicava que ela se locomovia de moto. A mulher, de 30 anos (foi logo me dizendo a idade), usava aparelho dentário, cultivava o cabelo preto liso, que se estendia até o meio das costas. A blusa lilás, a calça legging de cor preta, combinando com a sapatilha, e a maquiagem davam sinais da vaidade de Teresinha.

Como repórter e pesquisadora já trabalhei em muita matéria, palestra, encontro, workshop e fiz diversas entrevistas sobre o tema da violência contra a mulher. Jamais havia escutado um relato tão detalhado e lúcido como o de Teresinha.

Claro que não devemos julgar, tentar entender, mas toda a vez que eu escuto relatos de mulheres vítimas de um homem me questiono como é que isso pode acontecer. Como uma mulher aceita tamanha submissão. A explicação de Teresinha parecia convincente. Lembro de ela ter dito que uma mulher que passa por experiência de violência doméstica não pensa em outra coisa, nem pede nada. Só agradece diariamente por estar viva.

Teresinha tem um filho, que à época da entrevista tinha nove anos. Ela conta que todo o transtorno na vida dela começou ao engravidar do agressor. Ele aparece diversas vezes no relato. Primeiro não se separava porque tinha medo que ele tirasse o filho dela, que isso é abandono de lar, e aos poucos foi sendo sugada para dentro de uma relação que foi só medo e planos para se libertar durante oito anos.

Outro ponto forte do relato é a rejeição que sofreu da mãe, que a negligenciava. Carinho recebia do pai e da avó paterna. Até aquele momento, dois anos depois de separada do agressor, Teresinha relatava problemas de relacionamento com a mãe.

Ao final da entrevista, que durou 1h16minutos (apenas de relato inicial, sem interrupção dela nem minha), ofereço a segunda entrevista. Ela pede que seja realizada novamente no centro de atendimento. Pergunto se pode ser na casa dela e ela responde que não, pois não gostaria que a mãe escutasse nossa conversa. Sugiro que nos encontremos, então, em algum ambiente público ali por perto mesmo. Minha intenção é tentar afastá-la do ambiente em que estávamos para que fosse o menos influenciada possível pelo ambiente.

Ela tem uma fala extremamente pausada, mas jamais desvia o olhar de mim.

Anoto sem parar. Ao final, ela disse que estranhou apenas esse meu anotar desenfreado. Disse que ficou na dúvida se estava falando demais ou se dizia muita bobagem.

No primeiro encontro, o relato inicial, que levou 1h16min, não foi esgotado. Foram necessárias mais duas sessões somando 3h14min de entrevista para que todas as etapas da entrevista fossem percorridas.

Análise dos dados

Para que se chegue ao objetivo final do trabalho - a reconstrução da história dos casos pesquisados na perspectiva do passado, identificando a forma como este passado foi interpretado pelo biografado e como ele age na sociedade a partir disto -, é necessário percorrer cinco passos de análise. São eles: análise dos dados biográficos, análise do texto e do campo temático, análise detalhada

de passagens textuais selecionadas e o contraste da biografia vivenciada com a história de vida narrada e a construção da tipologia, contrastando os variados casos estudados. (ROSENTHAL, 2014)

O produto final da reconstrução de caso biográfico será um texto recompondo a trajetória dos entrevistados, ou melhor, a forma como eles interpretam esta trajetória, e por meio dela, possíveis papéis sociais destinados aos filhos da violência conjugal.

Como a análise dos dados desta biografia ainda não passou do primeiro passo seria precipitado falar em resultados conclusivos. Entretanto, é possível apontar algumas percepções. Soma-se, até agora, quatro entrevistadas e mais de 20 horas de conversa. É impressionante como cada uma delas narra de uma forma diferente a situação de violência vivenciada e como enxergava o filho nesta relação. Uma delas, apesar de dizer que não se separava do marido e se sujeitava às agressões para que os filhos tivessem a oportunidade de conviver com o pai, contou que as agressões nunca foram sofridas na frente das crianças e que acredita que eles nem desconfiavam do que acontecia com ela. Mas como é preciso escolher um ponto de partida decidi iniciar minha análise por Teresinha. Tinha muito a ver com uma curiosidade pessoal e simpatia pelo modo de narrar da entrevistada. Foi a primeira vez que entrevistei alguém que topou responder a pergunta inicial sem questionamentos ou estranhamentos e teceu uma narrativa exemplar.

A entrevistada nasceu no Paraná, em 1986, primeira filha de um casal de agricultores que levava uma vida apertada financeiramente. A relação de Teresinha com a mãe não era nada boa, muito influenciada pela sogra, que tomava para si os cuidados da menina. Não há relato ou mesmo indício de que a mãe de Teresinha tenha sido vítima de violência doméstica. Mas as hipóteses levam a crer que Teresinha tenha sido negligenciada pelos pais em termos de carinho e afeto. O pai dela, que é sempre posto como herói na narrativa, possivelmente foi omissivo durante boa parte do crescimento de Teresinha. A grande prova de amor que Teresinha teria esperado do pai, que era de que ele pedisse para que ela desistisse de casar com o pai do filho não foi dada. Ao contrário, Teresinha iniciou uma vida sem qualquer sentimento com o homem justamente para não desacatar a criação rigorosa dada a ela pelos pais.

Quando a biografada tinha quatro anos nasceu o irmão e, quando ela completava doze anos veio a irmã caçula. Com a chegada da irmã mais nova Teresinha precisou trabalhar para ajudar no sustento da casa. Aos 15 anos mudou-se do Paraná para o Rio Grande do Sul com a família e, em seguida, largou os estudos.

O rigor com o qual foi criada desenvolveu nela uma personalidade submissa. Ainda muito jovem precisou trabalhar para ajudar no sustento da casa. Independente financeiramente, começou a sair e se envolver com homens. Engravidou de um rapaz que não conhecia muito bem. Eles se casaram e foram morar em Santa Catarina. Aos 20 anos, nasceu o filho. Aos poucos, foi sendo apresentada à forma controladora que o marido tinha de lidar com a relação e quando o filho nasceu já estava completamente dependente dele. Ainda temendo a desaprovação dos pais e fazendo de tudo para se transformar em uma boa esposa, Terezinha opta por aguentar os maus tratos. Por ter pouca instrução e aos poucos ser cerceada da convivência com outras pessoas foi sendo tomada pelo medo de ficar sem o filho. Foi assim até decidir que fugiria, mas não sem levar o menino consigo.

Em 2014, após apanhar muito, ela arma um plano e foge de casa com o filho. Desde então, vive com ele na casa dos pais no Rio Grande do Sul e divide a guarda do menino com o ex-marido agressor.

O resumo acima compõe o memo. De acordo com Rosenthal (2014), tudo o que ocorre antes, durante e mesmo notas de insights que surjam após a entrevista é assunto para as notas de campo, ou seja, o memo confeccionado para cada entrevistado. “Essas informações, como todos os dados levantados durante a investigação (material de arquivo, fotografias, cartas, registros médicos e etc.) são aproveitadas mais tarde na reconstrução do caso” (p.109).

A análise dos dados biográficos que compõem o passo número 1, que compreende a geração de hipóteses para os dados objetivos de vida, apresentados durante a entrevista, para que se chegue à gênese do comportamento presente, levam-me a tecer a seguinte hipótese estrutural para a história de vida objetiva da biografada:

Os fios condutores da vida de Teresinha são a busca pela aprovação do pai e a negação das atitudes da mãe. As ofensas proferidas pela mãe, de que ela era libertina, parecem terem sido introjetadas por Terezinha, assim como a

expectativa do pai de que ela fosse uma mulher direita. Até aqui é possível crer que a sexualidade é algo muito forte na trajetória de Terezinha. Tornar-se mãe e suportar a violência a qual era submetida parece ser as formas encontradas por ela para dar esta resposta de dignidade aos pais.

Conclusões

Como a pesquisadora lembrou no início deste artigo a análise é preliminar e a vida narrada ainda não foi contrastada com a vida vivenciada da entrevistada. De qualquer maneira, é possível perceber pelo relato de Terezinha e por conversas no centro de violência doméstica, onde ela é atendida, que o filho presenciou as agressões e fora utilizado como escudo em diversas situações.

Apontamentos como o resultado do primeiro passo da análise biográfica de Terezinha e as observações realizadas na instituição onde foi realizado o trabalho de campo tornam possíveis fazer com que se enxergue que o fruto dessas relações transformam-se em uma espécie de “moeda de troca” entre o pai e a mãe e, muitas vezes, um pretexto para a vítima não romper com o agressor. Afinal, “ele é um bom pai” ou “não gostaria que meu filho crescesse longe do pai”, justificam as vítimas, na maioria dos casos acompanhados no referido Centro de atendimento. É possível ainda que os filhos sejam punidos por tomarem partido nestas brigas e também tem se verificado uma tendência de que as mães que apanham são agressivas com os filhos.

Juntamente com esta questão comportamental, há situações práticas que se somam para dificultar o rompimento dessas relações abusivas. Sobre isto, Saffioti (2015) pondera que “muitas vezes, o homem é o único provedor do grupo domiciliar” (SAFFIOTI, p.93), o que torna a mulher dependente financeiramente e psicologicamente. Também não se deve negligenciar outro importante fator que é “a pressão que fazem a família extensa, os amigos, a Igreja, etc., no sentido de preservação da sagrada família (...). Há, pois, razões suficientes para justificar a ambiguidade da mulher, que num dia apresenta a queixa e, no seguinte, solicita a sua retirada” (SAFFIOTI, 2015, p.93).

E são todas estas nuances que envolvem as relações a dois, ampliadas para o convívio com os filhos, levando em consideração as necessidades de

cada um e os papéis atribuídos às instituições familiares que devem ser investigados. Até aqui, já foi possível desconstruir muitas ideias pré-concebidas de minha parte. É neste sentido que a pesquisa que adota a abordagem metodológica de narrativas biográficas avança.

Referências

DREHER, JOCHEN. The Wiley-Blackwell companion to major social theorists / edited by George Ritzer and Jeffrey Stepninsky. Volume I. Alfred Schutz. (p. 489 – 507).

LUDWIG, Kamila Silva de Almeida. Filhos da violência conjugal: pesquisa biográfica com orfãos. Porto Alegre: Dissertação de mestrado defendida em 2015 pela PUCRS.

MILANI, Rute Grossi. Violência doméstica: recursos e adversidades de crianças e famílias pós ações do Conselho Tutelar. Ribeirão Preto: USP, 2006

PEREIRA, Lígia M. L. Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial. Revista Anál.& Conj., Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 109-127, 1991.

ROSENTHAL, Gabriele. Pesquisa social interpretativa: uma introdução. Porto Alegre, EdPUCRS, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero patriarcado violência. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOUSA, Tânia Sofia. Os filhos do silêncio: crianças e jovens expostos à violência conjugal – um estudo de casos. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013.

SCHUTZ, Alfred. Sobre fenomenologia e relações sociais. Edição e organização Helmut T. R. Wagner; _ Petrópolis, RJ : Vozes; 2012 _ (Coleção Sociologia)

SCHUTZ, Alfred ; LUCKMANN, Thomas. Traduzido por ZANER, Richard. M; ENGELHARDT, H. Tristram, Jr. The structures of the life-world. Northwestern University Press, 1973.

22

SCHUTZ, Alfred. The phenomenology of the social world. 1972: London Heinemann Educational Books